

“A sobrecarga das mulheres como cuidadoras centrais das crianças com Síndrome Congênita do Vírus Zika compromete a sua saúde física, mental e emocional e apresenta novas realidades sobre a gestão e uso do seu tempo, assim como retorno delas ao mundo do trabalho”.

**Nadine Gasman,**  
representante da  
ONU Mulheres no Brasil

A Sala de Situação, Ação e Articulação sobre Direitos das Mulheres, Direitos Sexuais e Reprodutivos em Tempos de Zika, criada por ONU Mulheres, Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) em resposta à emergência sanitária gerada pela disseminação do vírus zika, consolidou-se como um canal aberto para as organizações feministas e de mulheres, para a análise de pesquisas e informações sobre saúde e para ações de parceria entre a sociedade civil e as Nações Unidas. A sala de situação tem sido, também, um ambiente para a defesa de melhorias no saneamento básico brasileiro junto aos poderes locais, e ainda um espaço de diálogo sobre como garantir estes direitos, aprimorar os serviços de saúde sexual e reprodutiva.



Parceiros



Realização



Apoio



SALA DE SITUAÇÃO,  
AÇÃO E ARTICULAÇÃO  
SOBRE DIREITOS DAS  
MULHERES, DIREITOS  
SEXUAIS E REPRODUTIVOS  
EM TEMPOS DE ZIKA

A ação coletiva é fundamental  
para a vida de todas as mulheres





Alguns grupos de mulheres são mais expostos às consequências da tríplice epidemia – zika dengue e chikungunya -, mas o interesse em que seus direitos sejam garantidos é de todas nós! As mulheres são as mais afetadas porque:

- a sociedade costuma deixar sobre elas a responsabilidade da contracepção;
- são vistas como únicas responsáveis por uma gravidez no caso do zika, não houve um investimento do governo para informar sobre a necessidade do uso de camisinha durante a gravidez para que as mulheres não contraíssem o vírus e para que o feto também fosse protegido;
- são vistas como as responsáveis pelo cuidado e muitas vezes são abandonadas pelos parceiros, tendo que cuidar sozinhas de uma criança com a Síndrome Congênita de Zika;
- em consequência dessas condições, é comum que tenham que deixar de estudar e/ou trabalhar; têm pouco ou nenhum acesso a serviços de qualidade, nos padrões estabelecidos, adaptados à realidade local e às características da população assistida.

**SABIA QUE HÁ UM GRUPO DE MULHERES ORGANIZADAS PAUTANDO TEMAS QUE SÃO DE INTERESSE DE TODAS NÓS? SUA BUSCA É POR ASSEGURAR QUE AS MULHERES ESTEJAM NO CENTRO DA RESPOSTA NACIONAL À TRÍPLICE EPIDEMIA.**

Assim que a epidemia de zika foi declarada uma situação de emergência internacional, a ONU Mulheres, a OPAS/OMS – Organização Pan-Americana de Saúde e o UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas, convidaram organizações de mulheres, feministas, mulheres negras, jovens feministas, institutos de pesquisa, universidades, agências das Nações Unidas e gestores públicos para um espaço de diálogo e articulação que chamamos “Sala de Situação, Ação e Articulação sobre Direitos das Mulheres, Direitos Sexuais e Reprodutivos em Tempos de Zika”. Da Sala de Situação saíram temas como a inclusão do combate ao racismo em todas as estratégias e ações de promoção de direitos das mulheres no contexto de zika e fora dele, a produção de conteúdos informativos sobre a situação das mulheres na epidemia, a campanha de comunicação #Eu Quero Mais Direitos, Menos Zika, dentre muitas outras.

## ACESSO À INFORMAÇÃO E À PARTICIPAÇÃO

Todas as mulheres precisam ter acesso à informação, especialmente aquelas que estão planejando engravidar ou estão grávidas. “As informações são desencontradas e quando chegam aos serviços de saúde não há o teste para saber se foram contaminadas, se estão com o vírus”, afirmou Jacira Melo, do Instituto Patrícia Galvão.

Na Sala de Situação, as organizações participantes apontaram, ainda, para a importância de relatar casos que expliquem o árduo dia a dia das mulheres que se tornaram mães de bebês com Síndrome Congênita do Zika. “Quando a mãe tem Zika ou tem um filho com a Síndrome, os gastos aumentam porque é difícil o acesso à rede pública para coisas básicas, como fonoaudiologia. Depois de realizar os pré-natais e fazer muitos exames, não sabia que o choro compulsivo da criança não era manha, mas crise convulsiva”, contou uma mulher mãe de criança com a SCZv. A necessidade de atenção permanente, o tempo e dificuldade de deslocamento em busca de serviços de saúde pública especializados e o tempo de espera por terapias são outros exemplos das dificuldades encontradas.

Neste sentido, uma participante da sala pontuou: “As mulheres precisam ser envolvidas nas discussões, não como cobaias de pesquisas de médicos para suas publicações, devem ser envolvidas como sujeitos. Elas têm uma história para contar, expectativas a expressar e soluções a apontar”.

## QUEM SÃO AS MULHERES ATINGIDAS?

O perfil das mulheres que tiveram bebês portadores da Síndrome Congênita do Zika:

**26,8%** até 19 anos

**44,5%** entre 20 e 29 anos

**50,6%** casadas ou em união estável

**48%** mães solo

**84,4%** negras

**15%** brancas

**0,4%** indígenas